

# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

## Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

- Alice Joko • Rita de Cássia Soares
- Vera Augusto • Yuko Takano

lters Student Center  
Académie des Lettres  
Cion Estudiantil de Letras  
to Acadêmico de Letras  
文学 學術  
センター



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

EDITORA



UnB



**Universidade de Brasília**

**Reitora**  
**Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura  
Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora**

Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial**

Germana Henriques Pereira (Presidente)  
Fernando César Lima Leite  
Ana Flávia Magalhães Pinto  
César Lignelli  
Flávia Millena Biroli Tokarski  
Liliane de Almeida Maia  
Maria Lidia Bueno Fernandes  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Roberto Brandão Cavalcante  
Sely Maria de Souza Costa  
Wilsa Maria Ramos



# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

---

## Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

**Alice Tamie Joko**

**Rita de Cássia da Silva Soares**

**Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto**

**Yuko Takano**



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Coordenadora de produção editorial**

**Revisão**

**Diagramação**

**Foto de capa**

**Equipe editorial**

Marília Carolina de Moraes Florindo

Alice Tamie Joko, Rita de Cássia Soares,  
Vera Lúcia Augusto e Yuko Takano

Laissa Reis

René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)

E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
desta publicação poderá ser armazenada ou  
reproduzida por qualquer meio sem a autorização  
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

---

D536

Diálogo linguístico : Ocidente e Oriente / organizadoras, Alice  
Tamie Joko ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de  
Brasília, 2021.  
368 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-143-2

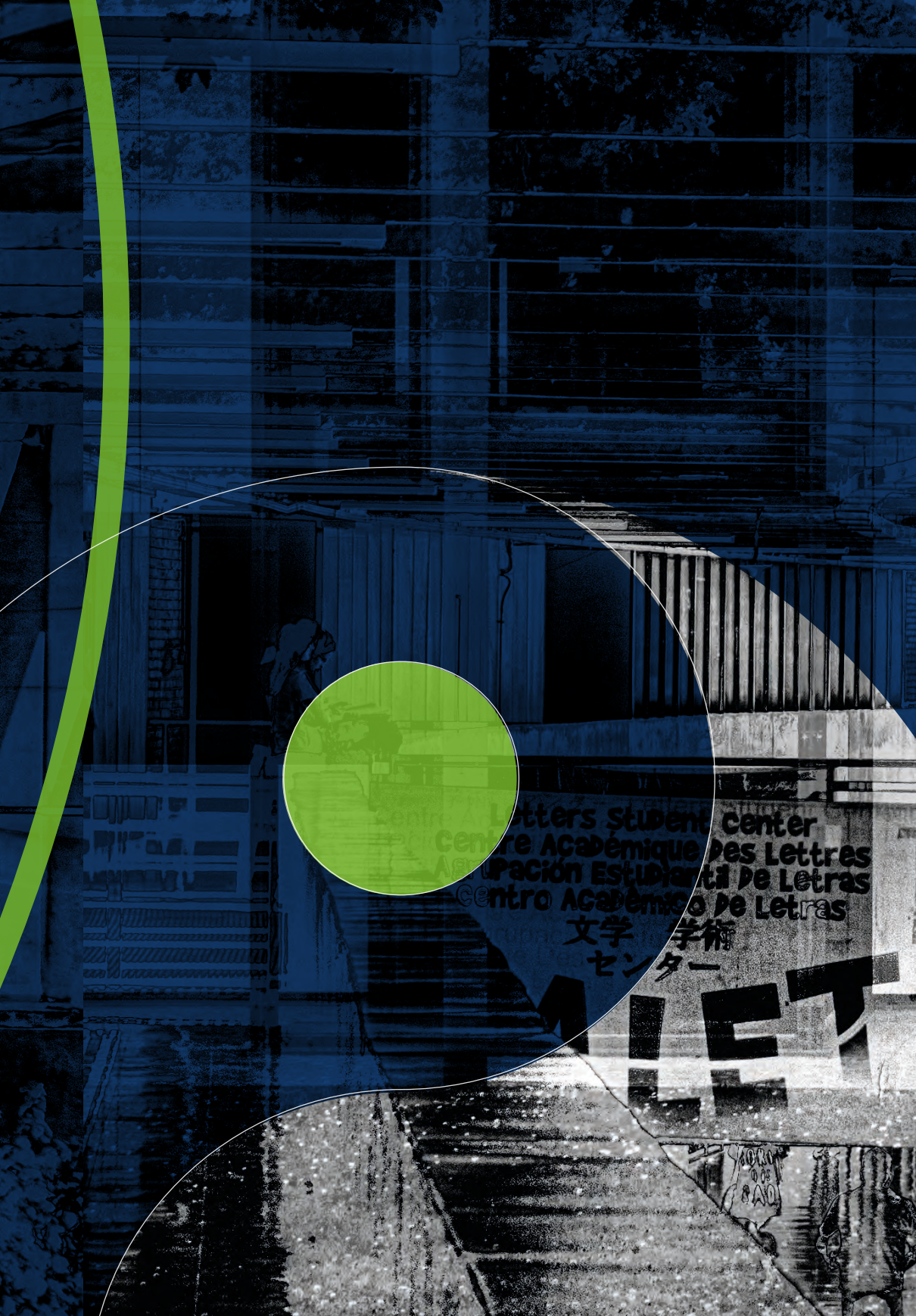
1. Sociogeolinguística. 2. Língua japonesa - Estudo e ensino.  
3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Joko, Alice Tamie  
(org.). II. Série.

CDU 81'28

---







Lettres Student Center  
Centre Académique des Lettres  
Asociación Estudiantil de Letras  
Centro Académico de Letras  
文学 学術  
センター

LETTERS

SOCIÉTÉ  
DE  
SAO

# SUMÁRIO

---

**Apresentação** \_\_\_\_\_ 11

## **PARTE I - OCIDENTE**

**Mapeamento geossociolinguístico da vogal média posterior  
pretônica /o/ no Estado de Rondônia** \_\_\_\_\_ 25

Abdelhak Razky (UnB)  
Diego Coimbra (UFPA)

**Contribuições da sociogeolinguística para o ensino de língua  
portuguesa: propostas de intervenção para a educação básica** \_53

Adriana Cristina Cristianini (UFU)



**Crenças e atitudes: vencendo o preconceito e construindo empatia linguística**\_\_\_\_\_73

Clézio Roberto GONÇALVES (UFOP/CNPq)  
Josane Moreira de OLIVEIRA (UEFS/UFBA)

**Amuleto, figa, patuá...: um estudo de sociogeolinguística**\_\_\_\_\_95

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

**Tagarela, falador e papagaio: linguagem e interação nas variações do português**\_\_\_\_\_115

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

**Escolhas lexicais e ensino de línguas: anseios e possibilidades**\_\_\_\_139

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

**Um estudo geolinguístico no Estado de Goiás**\_\_\_\_\_161

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

**PARTE II - ORIENTE**

**O uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos na Casa Verde em São Paulo e as suas questões linguísticas**\_\_\_\_\_179

Eduardo Nakama (UnB)  
Yûki Mukai (UnB)

**Uma nova abordagem de ensino do curso de japonês no Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho – CILSOB – percepções de um professor sobre o processo**\_\_\_\_\_219

Geanne Alves de Abreu Morato (SEEDF)  
Hélder Gomes Rodrigues (SEEDF)

**(Im)polidez, saudações e formas de tratamento: dificuldades de aprendizagens de português LE**\_\_\_\_\_261

Kazue Saito M. Barros (UFPE/CNPq)  
Alice Tamie Joko (UnB)  
Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)

**TCC do Curso de Licenciatura em Japonês: um olhar no passado e reflexões**\_\_\_\_\_283

Kyoko Sekino (UnB)

**O nordeste asiático como área de convergência linguística: a língua japonesa em seu contexto regional**\_\_\_\_\_315

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

**Diálogos possíveis: áreas que se convergem para os estudos do falar nipo-brasiliense**\_\_\_\_\_337

Yuko Takano (UnB)

**Posfácio**\_\_\_\_\_361

**Os Autores**\_\_\_\_\_363





# PARTE I - OCIDENTE

---





# UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO NO ESTADO DE GOIÁS

---

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, busca-se apresentar uma breve descrição da pesquisa geolinguística realizada no estado de Goiás e defendida em 2012 na Universidade de São Paulo, sob a orientação da professora doutora Irenilde Pereira dos Santos. O estudo teve como enfoque básico descrever a norma, nos níveis lexical e semântico pelo levantamento direto, *in loco*, de variantes linguísticas, presente, precisamente, em nove municípios selecionados, com vistas ao Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás.

A pesquisa demonstrou, portanto, uma investigação linguística semântico-lexical a partir de uma coleta de dados calcada na variação diatópica, do português falado no estado goiano tendo como característica o dialeto regional constituído de itens lexicais coletados.

As pesquisas sobre as variantes linguísticas diatópicas em nosso país têm sido objeto de inúmeros trabalhos e produções que vem se desenvolvendo desde século XX, com publicação do livro *O Dialeto*

*caipira* de Amadeu Marques e, posteriormente, *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes. Com a publicação da proposta de divisão de estudo dialetológicos no Brasil, Nascentes impulsiona a elaboração de um atlas linguístico nacional considerando as produções dos atlas regionais.

Nesse sentido, constatamos que muitos estudos linguísticos extensivos ao território brasileiro, há anos, vem procurando definir a diversidade linguística do país. Temos, em diversos trabalhos no âmbito da Dialetoлогия e Geolinguística a materialidade de atlas estaduais e regionais, respondendo ao trabalho de motivação desenvolvido pelo Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

## 2. O ESTUDO LEXICAL E SEMÂNTICO

Dado à natureza do estudo, dentre outros elementos que organizam o sistema linguístico, abordou-se somente os que compõem os aspectos lexical e semântico. Biderman (2001) afirma que embora o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, devemos entender que são, na verdade, os usuários/falantes da língua, ou seja, os sujeitos que criam e conservam o vocabulário dessa língua.

Por refletir experiências do mundo real, o léxico é um depósito de onde esses sujeitos retiram seletivamente as palavras para expressar suas ideias e exprimir suas emoções, moldando seu estilo de acordo com a relação falante e ouvinte (AUGUSTO, 2005)

Como em outras investigações, o estudo semântico-lexical de um *corpus* constitui-se no registro da herança cultural de uma comunidade e por meio dos signos linguísticos estabelece o elo entre o universo da linguagem e a realidade objetiva. Em busca da descrição e análise dos dados, muitos pesquisadores de distintas linhas teóricas têm-se dedicado no sentido de organizar uma metodologia que possa se utilizar do estudo da forma como se estrutura o léxico de uma língua.



Dentre os vários modelos propostos para a análise de um *corpus* de itens lexicais, há que se destacar os estudos semânticos que tem como objeto o estudo da significação e do sentido dos elementos linguísticos.

Com isso, podemos dizer que significados e sentidos se atualizam, por meio do léxico, no interior do discurso. Os vários itens lexicais utilizados pelos sujeitos, de modo geral, correspondem à variação semântico-lexical de uma dada questão ou situação em um determinado espaço geográfico e contexto sócio-histórico. Conforme expressa Santos (2011, p. 7),

No discurso, ocorre a atualização dos sememas dos itens lexicais utilizados pelos sujeitos em interlocução. Nesse processo, é bastante comum que, às respostas a uma dada questão do QSL, correspondam vários itens lexicais. Em outras palavras, as respostas não supõem um único item lexical. Essa variação semântico-lexical, qual seja, a ocorrência de diferentes itens lexicais resulta do recorte que os sujeitos fazem da realidade, em outras palavras, de como analisam o contexto sócio-histórico. Isso faz também com que muitos itens lexicais, encontrados nas respostas, não sejam registrados pelos lexicógrafos e outros, ainda, embora constem de dicionários, apresentem sentidos diferentes daqueles encontrados nos trabalhos de Geolinguística.

Diante do exposto, o que mais importa é que essas observações sobre o léxico como conjunto de vocábulos que representam o patrimônio sociocultural de uma determinada comunidade possibilitou-nos estabelecer a norma estabelecida da comunidade linguística em um determinado espaço geográfico.

### **3. O ESTUDO GEOLINGUÍSTICO**

As investigações sobre a linguagem são antigas e, constantemente, buscam acompanhar a trajetória do homem. Concebida como um dos

elementos constitutivos da linguagem verbal, a palavra se tornou objeto de análise e numerosos vêm sendo os estudos realizados sobre ela.

Com já mencionado, dentre os elementos linguísticos, o léxico é o que melhor reflete a realidade extralinguística, contudo, é o mais vulnerável, o mais sensível, conseqüentemente, o mais afetado pelas mudanças culturais e sociais que ocorrem na comunidade. Por refletir elementos do mundo real, o léxico é tido como o repertório de onde os sujeitos retiram seletivamente as palavras para estabelecer comunicação, expressar suas idéias e exprimir suas emoções, moldando seu estilo de acordo com a relação falante e ouvinte em determinado espaço e lugar (AUGUSTO, 2012).

Expresso pelas variações da língua, o léxico, segundo Santos (2011, p. 1) “tem sido objeto de estudos de várias áreas da Linguística”, por isso vem sendo um desafio para muitos pesquisadores realizar a tarefa da Dialetoлогия, conforme define Cardoso (2010, p. 15) que é “... identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” e da Geolinguística que procura, com seu método, descrever os fenômenos linguísticos.

Dessa forma, a Geolinguística vem se firmando nos estudos e no mapeamento das variações da língua oral, que, posteriormente, se integram aos atlas linguísticos, resultados finais das pesquisas geolinguísticas. Tal método cartográfico fixado por Gilliéron, segundo Brandão (2005, p.11) “[...] se mostra de excepcional utilidade para o conhecimento das variedades regionais de uma língua”.

Um atlas linguístico é, segundo Brandão (2005, p, 25),

[...] o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. (...) é um repertório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema linguístico e que configuram seus dialetos e/ou falares.

Considerando a relevância dos atlas linguísticos, enquanto retrato linguístico investigado, numa dada época e lugar, Ferreira *et al* (1987, p. 488) do mesmo modo se pronuncia “... um atlas linguístico vale, assim, como registro documental da língua viva e como produto de uma reflexão sobre ela. Porém, como instrumento de trabalho ele pode ser ponto de partida para novas investigações, multiplicando-se, assim, o seu valor”.

A fim de se conhecer o português falado no Brasil, os estudos linguísticos procuram mapear e retratar, por meio de um contínuo trabalho de observação linguística, o registro e o resgate da identidade cultural das comunidades dos estados brasileiros (AUGUSTO, 2012). Por isso, a Geolinguística tem sido empregada de forma expressiva nas pesquisas linguísticas em nível nacional, de tal maneira que estudos linguísticos regionais e a constituição do Atlas Linguístico do Brasil já fazem parte do cenário acadêmico brasileiro.

Assim sendo, os estudos geolinguísticos vêm se desenvolvendo, assegurando essa geografia linguística brasileira, que incentiva cada vez mais a constituição de atlas estaduais e regionais contribuindo com a descrição do português falado no Brasil.

#### **4. SISTEMA, NORMA E FALA DA LÍNGUA**

Reflexões sobre sistema, norma e fala são antigas e, normalmente, acompanham a trajetória do homem. Ao buscarmos esse trajeto, deparamo-nos com esse sistema, percebido como língua, código comunicativo, o mesmo empregado para o estabelecimento da comunicação humana (AUGUSTO, 2012).

Com isso, verifica-se que, ao se pesquisar uma língua, pesquisa-se também o fato social e cultural que nela se deixa transparecer, já que o sistema linguístico registra manifestações que representam a cultura de uma sociedade.

Sendo assim, a língua viva não cessa nunca de funcionar e de garantir a comunicação entre as diferentes gerações de falantes da

comunidade que faz uso dela. Para Saussure (1975), está na massa falante a evolução da língua, logo, o uso da língua, garante a exteriorização das regras incluídas em sua estrutura (AUGUSTO, 2012).

Segundo Coseriu (1962) nos dizeres de Elia (1978, p. 141), a distinção entre sistema e norma pode ser assim refletida “O sistema é constituído por uma rede de relações funcionalmente possíveis; a norma se objetiva ao longo do tempo, por meio de uma seleção, tradicional e socialmente operada, das possibilidades do sistema”.

Podemos aqui sintetizar, dizendo que a própria sociedade se incumbem de conservar o uso, transformando-o em lei linguística, em entidade abstrata admitida pela maioria da sociedade e conservada tradicionalmente, por meio de sucessivas gerações, como norma linguística (AUGUSTO, 2012).

Segundo Coseriu (1979), a norma é um estado intermediário entre os fatos de língua e os atos de fala, representando o conjunto de normas sociais da fala de uma coletividade, englobando a fala, menos as variantes individuais que se encontram nela. De forma sistemática e inconsciente, a norma linguística condiciona os indivíduos a desenvolverem um mesmo pensamento de forma mais ou menos idêntica na comunidade em que estão inseridos e/ou vivem.

Podemos expor assim que a norma é menos ampla que a língua (*langue*), pois não se estende à sociedade como um todo; menos restrita que a fala (*parole*), por não se referir aos atos de fala de apenas um indivíduo. De modo geral, a norma se dispersa de modo homogêneo e com frequência mais intensa em determinada região, em determinados grupos profissionais, em determinadas classes sociais e em determinadas faixas etárias, marcando a linguagem de forma particular.

Resumidamente, podemos, assim, observar no quadro 1 alguns conceitos essenciais da “distinção tripartida” apresentada por Coseriu (1979 *apud* AUGUSTO, 2012).

**Quadro 1:** Sistema, Norma e Fala

SISTEMA	NORMA	FALA
segundo grau de abstração da língua	primeiro grau de abstração da língua	atos linguísticos concretos manifestados no próprio momento de sua produção
realiza-se em formas sociais determinadas e mais ou menos constantes	realiza-se em normas individuais	realiza-se na infinita variedade e multiplicidade da atividade linguística concreta
é um conjunto de oposições funcionais	é a realização “coletiva” do sistema no falar de uma comunidade	é a realização individual-concreta da norma
é um sistema de possibilidades; um conjunto de “imposições”, mas também um conjunto de “liberdades”, desde que não afete as condições funcionais do instrumento linguístico	é um sistema de realizações obrigadas de imposições sociais e culturais; varia segundo a comunidade; várias normas: linguagem coloquial, erudita, literária, vulgar, familiar, etc.	é a aplicação de forma “original e criativa” da norma
variação linguística baixa	variação linguística média e regular	variação linguística alta

Fonte: Coseriu (1979 *apud* AUGUSTO, 2012, p. 123)

Enfim, sistema, segundo Cristianini (2007, p. 107), “caracteriza-se pelo equilíbrio constante entre prescrições e liberdades”. Cabe observar, portanto, que a norma se mostrar a partir nos padrões de uso, no



modo como os falantes fazem uso do sistema ao se comunicarem. Ela é um elemento prescritivo, com realizações preestabelecidas, determinadas por imposições socioculturais, variando de uma comunidade linguística para a outra.

Essas considerações levam à conclusão que em uma comunidade linguística existem várias normas, quer no plano horizontal, motivadas pelas normas regionais, quer no plano vertical, motivadas social e culturalmente, por quem as usam. Nesse sentido, San Martin (1989, p. 100), destaca que “[...] do ponto de vista do ato comunicativo, em determinado idioma, é perfeitamente admissível a coexistência de várias normas, mas não de vários sistemas”.

## 5. ESTADO DE GOIÁS E MUNICÍPIOS ESTUDADOS

É parte integrante nos estudos geolinguísticos, conhecer a região da pesquisa. Goiás está localizado geograficamente no centro do país, conta atualmente com 246 municípios e com uma área total de mais 340 quilômetros quadrados, dividido em 18 microrregiões e cinco mesorregiões, o que revela um crescimento desde o movimento das Bandeiras acentuado no século XVIII (IBGE, 2020).

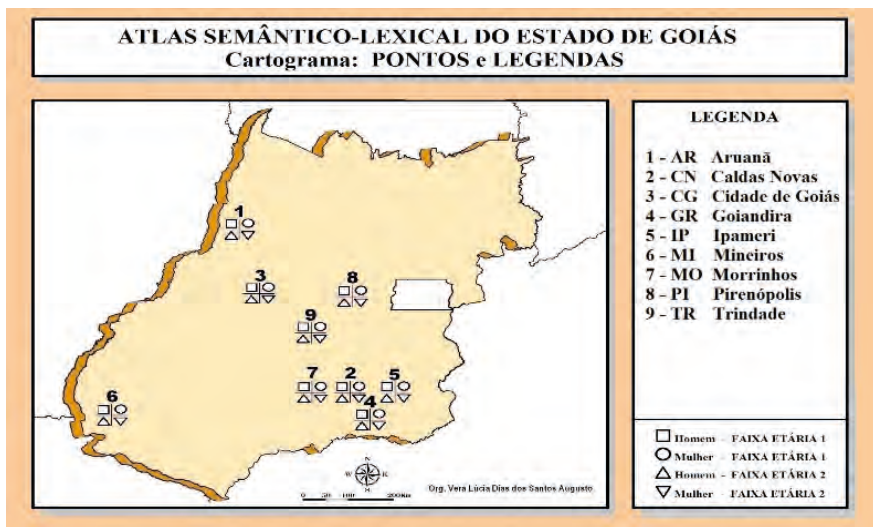
O estado de Goiás, como é conhecido hoje, tornou-se atrativa desde a segunda metade do século XVIII, devido às notícias de ouro dadas por bandeirantes paulistas, entre eles os Anhangueras, pai e filho que se tornaram que fundadores do estado, adentraram no território em busca, também, de mão de obra indígena escrava (AUGUSTO, 2012).

Segundo Tiballi (1991, p.11) “O ouro encontrado em Goiás serviu como impulso para o processo inicial de ocupação”; uma ocupação de migrantes paulistas e mineiros constituída por grupos sociais envolvidos com a atividade agropastoril e, posteriormente, estimulando e consolidando a economia pela pecuária. Já na década de 1960, acelerou-se o povoamento

do estado, com a construção de rodovias e transferência da capital federal para Brasília.

A seleção da rede de pontos (Figura 1) para o estudo partiu de um estudo sistemático de dados considerados relevantes – antiguidade da localidade, formação histórica, características culturais, entre outros –, ficando então definido nove municípios goianos Aruanã, Caldas Novas, Cidade de Goiás, Goiandira, Ipameri, Mineiros, Morrinhos, Pirenópolis e Trindade que mesmo que influenciada pela confluência social, cultural e histórica dos locais, possui uma norma semântico-lexical da língua portuguesa falada.

**Figura 1:** Cartograma – PONTOS E LEGENDA



Fonte: Augusto (2012, p. 369)

## 6. ASPECTOS METODOLÓGICOS

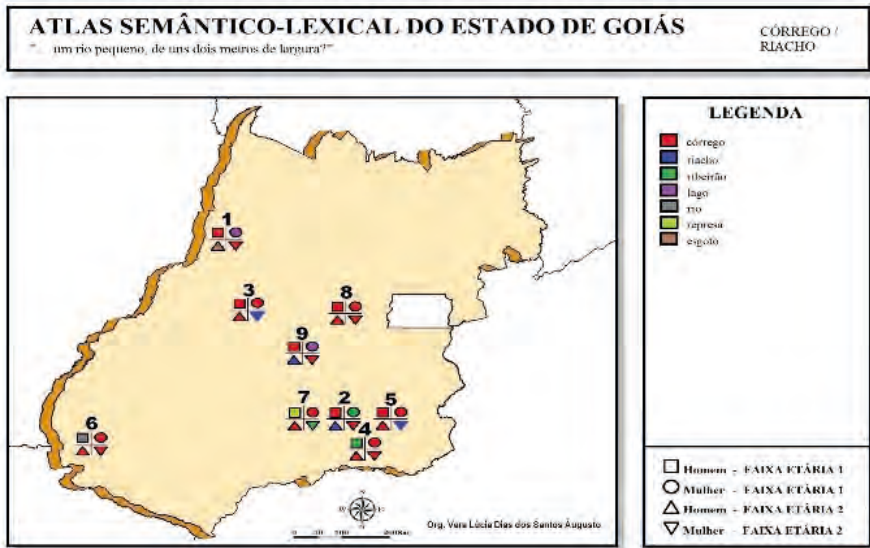
Inicialmente, foi realizado um estudo teórico sobre Dialetologia e Geolinguística, posteriormente, sobre o Estado e rede de pontos da pesquisa. Em seguida, realizamos a pesquisa de campo em busca da coleta dos dados. Tal organização nos possibilitou à compleição do *corpus* e à transcrição dos dados.

Para isso, empregamos os critérios teórico-metodológicos adotados em Geolinguística, levando em conta: a seleção dos sujeitos, a escolha das localidades, a aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) que se constitui de 202 perguntas divididas em 14 áreas semânticas. Tais perguntas que estão apresentadas no Projeto Atlas Linguístico do Brasil, versão 2001; e finalizamos com a apresentação dos dados coletados em gráficos, quadros e, por fim, e cartogramas.

Com o auxílio do QSL, as entrevistas agendadas com antecedência pela pesquisadora foram realizadas, a trinta e seis sujeitos subdivididos em duas faixas etárias – 18 a 30 e 50 a 65 anos de idade, em dois gêneros – masculino e feminino, levando em consideração a preceitos geolinguísticos: filhos e moradores da localidade pesquisada ou que nela viveram a maior parte de suas vidas, privilegiando as variáveis: idade, sexo e grau de escolaridade.

O material recolhido se constituiu em um banco de dados semântico-lexical organizado com as respostas obtidas nas entrevistas. Posteriormente, os dados foram descritos e documentados em cartogramas linguísticos, com a intenção de se oferecer os resultados da variedade semântico-lexical do falar dos pontos pesquisados. A exemplo do registro dos dados, apresentamos na Figura 2 a pergunta 1 do QSL “...um rio pequeno de um dois metros de largura”, como se chama?

**Figura 2:** Cartograma 1 – CÓRREGO / RIACHO



Fonte: Augusto (2012, p. 371)

De posse *corpus*, buscou-se confirmar a existência da norma linguística presente no falar goiano. Para isso, a cada item lexical respondido os valores de frequência absoluta e relativa dos dados foram descritos (Quadro 1).

**Quadro 2:** Frequência absoluta e relativa – Questão 1

Item Lexical	Geral		Masculino		Feminino	
	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
córrego	24	66,67%	12	33,33%	12	33,33%
riacho	4	11,11%	2	5,56%	2	5,56%
ribeirão	3	8,33%	1	2,78%	2	5,56%
lago	2	5,56%	0	0,00%	2	5,56%
rio	1	2,78%	1	2,78%	0	0,00%
represa	1	2,78%	1	2,78%	0	0,00%
esgoto	1	2,78%	1	2,78%	0	0,00%

Fonte: Augusto (2012, p.136)

Quanto ao tratamento quantitativo dos dados, sobretudo com relação às noções de frequência, recorremos a Muller (1968) “consideramos a frequência absoluta o número de vezes que o item lexical aparece na lista de dados e como frequência relativa o quociente entre a sua frequência absoluta e o número total de dados” (AUGUSTO, 2012, p. 13).

Dos 202 itens lexicais recolhidos, chegamos a resultados significativos, ou seja, “14 itens lexicais pontuaram 100% de frequência relativa; e 100 itens lexicais com frequência igual ou superior a 50% e distribuição regular” (AUGUSTO, 2012, p. 13). Tais resultados assinalaram não somente a norma semântico-lexical dos pontos pesquisados, como também constituem uma representação parcial do falar goiano.

Considerar a ótica estatística para mensurar e analisar linguagem é possível e viável. Avaliamos que há uma grande e elevada frequência presente nos fenômenos discursivos, logo, o fenômeno linguístico constitui-se num dos mais expressivos para o tratamento quantitativo das e nas várias línguas espalhadas pelo mundo (BIDERMAN, 2001).



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das informações preliminares apresentadas, o presente artigo objetivou apresentar de forma sucinta a descrição da pesquisa geolinguística realizado em nove municípios do Estado de Goiás. Buscou-se descrever a norma semântico-lexical de variantes linguísticas, presente nesses municípios selecionados, objetivando a elaboração de um atlas linguístico regional. Tal iniciativa é relevante para o conhecimento, o resgate, registro e análise de variantes regionais do português falado.

Considerando pelas evidências apresentadas na pesquisa, a norma observada no estudo destaca-se como realização coletiva, estabelecida em modelos concretos e fixados na fala da comunidade, mas também pela sua condição em se manifestar pela alta frequência e distribuição regular na região

É possível determinar que nos últimos anos, o panorama de estudos linguísticos tem crescido e experienciado um avanço contínuo e relevante, buscando acompanhar as mudanças que a língua sofre. Tais mudanças sócio-históricas geram modificações no desenvolvimento das ciências e os estudos linguísticos vêm procurando inventariar e descrever diversas comunidades linguísticas, visto que a mudança e a variação linguística possibilitam o estudo sistematizado e o resgate da memória linguística coletiva de uma comunidade, a exemplo da variação diatópica, do português falado no Estado de Goiás.

## REFERÊNCIAS

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALiB. Disponível em: <<http://www.alib.ufba.br/questionarios.asp>>. Acesso em: 13 ago. 2010.

AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos. *Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás*. 650 f. 2012. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A Geografia Lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Coord.) *Caminhos e perspectivas para a Geolingüística no Brasil*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/ Instituto de Letras, 1996.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina, PR: Editora UEL, 2001.

COSERIU, Eugênio. Sistema. Norma y Habla. In: *Teoria del Leguaje y Lingüística General*. 3.ed. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica: Editorial Gredos, 1973.

COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1979.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*. 2007. 3 v. 635 f. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ELIA, Silvio. *Orientações da Lingüística Moderna*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas lingüístico do Sergipe*. Salvador: UFBA: Instituto de Letras / Fundação Estadual de Cultura do Sergipe, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo/default.php>> . Acesso em: 10 ago. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades @. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm>> . Acesso em: 10 set. 2010.

MULLER, Charles. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Librairie Larousse, 1968.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

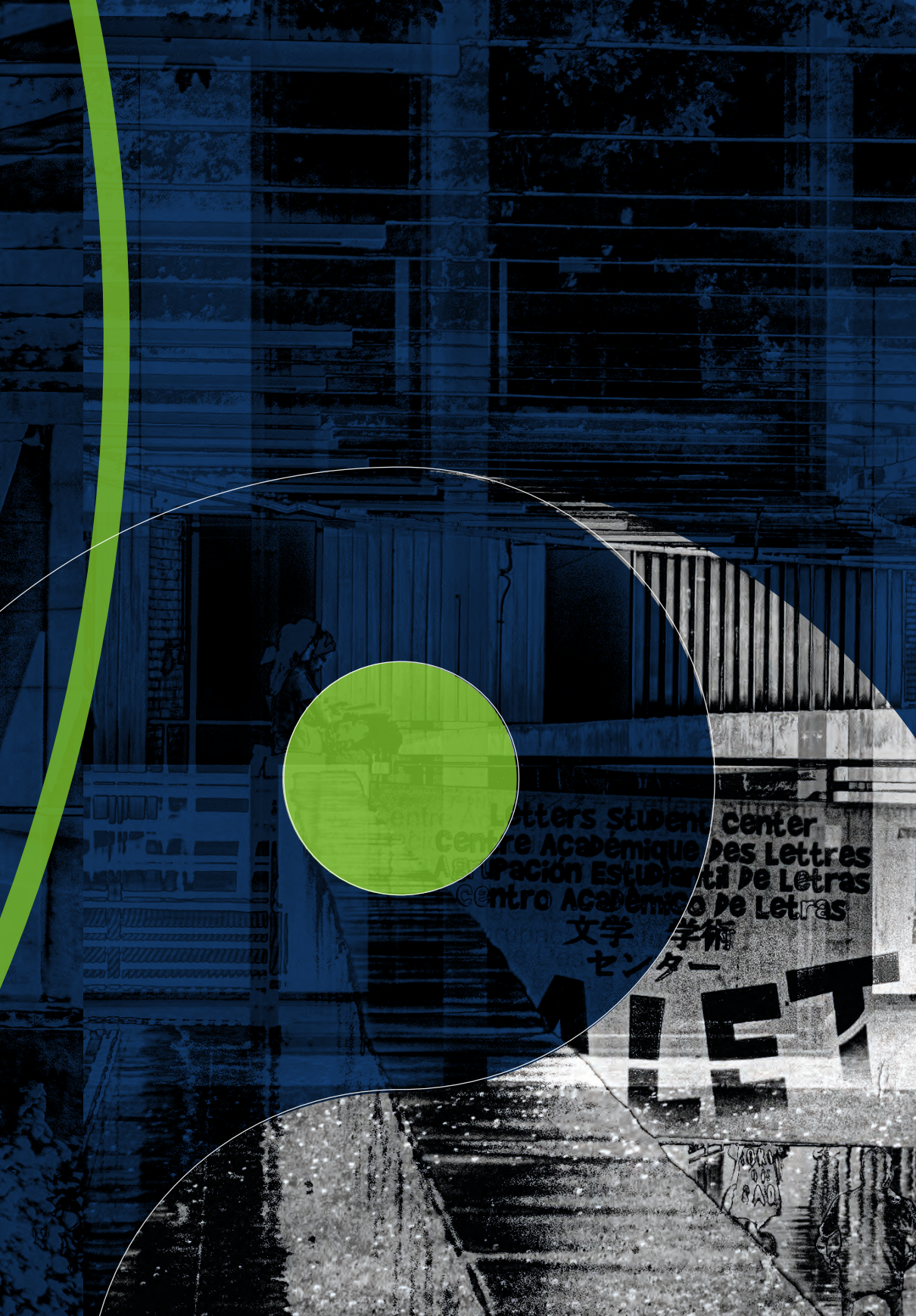
SANTOS, Irenilde Pereira dos. A variação lexical em atlas lingüísticos paulistas: considerações em torno de “chuva”. In: *Anais do SILEL*. v. 2, n. 2. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana Cristina. (Orgs.). *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana, 2012.

SAUSSURE, Ferdiand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. *A Expansão do Povoamento de Goiás-Século XIX*. 1991. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1991.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA – VOLP. Academia Brasileira de Letras. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.



Lettres Student Center  
Centre Académique des Lettres  
Asociación Estudiantil de Letras  
Centro Académico de Letras  
文学 学術  
センター

1151

SOCIÉTÉ  
D'ÉTUDES  
DE LA  
SAQ



## OS AUTORES

---

**Abdelhak Razky** é Professor Titular da UnB. Possui Doutorado em Linguística pelo Université de Toulouse Le Mirail, França, Pós doutorado na Univ. de Toulouse Le-Mirail e na Univ. de Paris 13.

**Adriana Cristina Cristianini.** é docente da Univ. Fed. de Uberlândia., Doutora pela USP e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa.

**Clézio Roberto Gonçalves** é docente na Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Linguística pela USP, e pós-doutorado em Língua e Cultura pela UFBA.

**Diego Coimbra dos Santos** é docente externo pela UFPA e Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado “Forma Pará” pela SECTET. Mestre em Linguística pela UFPA.

**Eduardo Nakama** é graduado em Engenharia Eletrônica pelo ITA e em Letras-Japonês pela UnB. É servidor público do Ministério da Economia.

**Geanne Alves de Abreu Morato** é professora de Língua Japonesa e supervisora pedagógica do CIL de Sobradinho. É mestranda em Linguística Aplicada na UnB.

**Hélder Gomes Rodrigues** é professor de Língua Espanhola e atualmente é diretor do CIL Sobradinho. É mestre em Linguística Aplicada pela UnB.

**Irenilde Pereira dos Santos** é docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Livre-Docente em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

**Josane Moreira De Oliveira** é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ e pós-doutora em Língua e Cultura pela UFBA.

**Kazue Saito M. Barros** é Professora titular da UFPE, atua na Pós-graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK.

**Kyoko Sekino** é professora do curso de Letras Japonês do Instituto de Letras da UnB. É doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, especializando-se no Estudo da Tradução.

**Marcus Tanaka de Lira** é professor adjunto do curso de Letras-Japonês da UnB. É Doutor em Linguística pela UnB.

**Ricardo Rios Barreto Filho** é professor adjunto do Departamento de Letras da UFPE, na área de Ensino da Língua Inglesa. Possui doutorado em Linguística pela UFPE.

**Selma Sueli Santos Guimarães** é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU. É doutora em Linguística pela USP.

**Yuki Mukai** é Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da UnB. É Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

## Ocidente e Oriente

O diálogo pode ser caracterizado como uma atividade humana que tem sua origem na interação humana nos vários grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, é no espaço que, por meio da linguagem, brotam, circulam e se disseminam ideias.

**O Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente** é um livro que reúne textos escritos por pesquisadores que atuam também no ensino, do fundamental até o nível superior. Os capítulos reunidos são frutos de pesquisas aprofundadas sobre diversos aspectos de nossa língua (ocidente) e da língua japonesa (oriente).

O livro demonstra que as áreas de conhecimentos empíricos e teóricos sobre a linguagem podem se entrelaçar e ampliar os estudos com múltiplos olhares. Os novos consensos surgem, quando as “vozes”, em português e em japonês, orientam e direcionam na busca de novos paradigmas, construindo o saber e o fazer científicos.

A Comissão Organizadora agradece a todos os autores que nos confiaram os seus textos para a publicação.

Agradecemos ao Instituto de Letras e ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução pelo apoio e financiamento dessa obra no ano em que a presença da Língua Japonesa na UnB comemora quarenta anos. São quatro décadas de estudos profícuos sobre a língua japonesa os quais foram iniciados e sempre incentivados pela Profa. Dra. Alice Tamie Joko, posteriormente fundadora do curso de Licenciatura em Letras-Japonês, no ano de 1997.

ISBN 978-65-5846-143-2



9 786558 461432



Obra financiada pelo departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LETJ), do Instituto de Letras, por meio do edital IL/EDU 1º/2021.